

CONHECENDO E RECONHECENDO O CAMPO: RELATO DE UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Rayffi Gumerindo Pereira de Souza
Universidade Federal de Campina Grande – rayffi.ufcg@gmail.com

Profª Drª Fernanda de Lourdes Almeida Leal
Universidade Federal de Campina Grande – fernandalealufcg@gmail.com

RESUMO: Partindo do reconhecimento da importância dos espaços rurais em seus diversos aspectos na formação do Brasil, olharemos, nesse artigo, para o aspecto educacional. Compreendemos que esses espaços têm valor, são diversos, vivos, ricos culturalmente e com potencial educativo. Tal compreensão é verificada na área emergente e no *conceito-movimento* Educação do Campo, que considera o campo, os modos de vida que se processam neste espaço e os camponeses como atores fundamentais à produção de um processo educativo. Depois de realizar algumas considerações dos pontos de vista histórico e teórico a respeito do campo e da Educação do Campo, relatamos nossa primeira experiência prática nesse contexto, momento no qual constatamos que o campo possui especificidades, apesar de manter relações permanentes com a sociedade mais geral, devendo tais especificidades ser consideradas nas práticas pedagógicas das escolas inseridas em espaços rurais. Na experiência aqui relatada, apresentaremos a descrição de algumas vivências realizadas com as crianças durante o processo educativo em uma instituição educacional situada em uma comunidade rural da Paraíba, evidenciando nossa postura profissional, que teve como base o conhecimento e o reconhecimento do campo e seus sujeitos e a consideração de sua riqueza em termos subjetivos, ambientais e educativo. Nossas práticas pedagógicas consideraram as vivências cotidianas das crianças, suas culturas e seus modos de vida, reconhecendo-os como fundamentais à construção de uma Educação do Campo.

Palavras-chave: Campo, Educação do Campo, Práticas Pedagógicas.

I – INTRODUÇÃO

O presente artigo é, na verdade, um conjunto de reflexões a respeito do campo e da Educação do Campo. Essas reflexões foram construindo seguindo uma linha de raciocínio que aborda inicialmente as ideias de Sérgio Buarque de Holanda (1995), quando discorre sobre a importância de reconhecer que nós brasileiros possuímos uma herança rural, uma vez que o meio rural, o campo, teve uma gigantesca participação no processo de construção desse país, desde a colonização, em vários sentidos e aspectos. Em seguida, trazemos algumas considerações sobre o conceito da categoria Educação do Campo, que consiste basicamente em um projeto educacional que vê o campo e os sujeitos do campo como protagonistas de suas histórias e de seus processos educativos, sendo partícipes de uma visão política, social, cultural e econômica. E, por fim, relatamos uma experiência nossa, enquanto professores de uma escola situada em zona rural. Para formulação e elaboração dessas reflexões, dialogamos com alguns teóricos importantes dessas áreas de estudos.

Consideramos importante um estudo dessa natureza, uma vez que é notória em nossa sociedade, as marcas de preconceito, discriminação e negatividade sobre o meio rural. Geralmente existe um imenso desconhecimento de que o campo foi onde nasceu o nosso país, com seus problemas, avanços, culturas, modos de produção entre outros fatores. Outro fator que deve ser considerado como relevante nessas reflexões que formam esse artigo, é o entendimento de que existe uma perspectiva educacional, que pensa o campo de uma maneira contextualizada e com significados. Portanto, nossos grandes objetivos são contribuir para o reconhecimento do campo enquanto lugar de valor, de vivacidade e diversidade, bem como para um maior conhecimento da existência da categoria Educação do Campo, e um pouco de como essa se constitui.

II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizamos como recursos de procedimentos teóricos metodológicos para a produção desse artigo uma revisão de literatura a respeito dos temas: herança rural do Brasil e Educação do Campo, no caso dessa última, a considerando enquanto categoria que abarca princípios educacionais, culturais e políticos dos e para os povos do campo. Para isto dialogamos com os estudos de Sérgio Buarque de Holanda (1995), especificamente com o seu livro Raízes do Brasil, como também nos apoiamos nas ideias de Roseli Caldart (2002; 2005; 2008), Fernandes (2005), Arroyo, Caldart & Molina (2011) e Mendras (1969). Por fim, realizamos também um estudo descritivo, tipo relato de experiência, que teve como base de sua fundamentação

uma análise qualitativa de uma experiência nossa enquanto profissionais da educação atuando em uma escola municipal de Campina Grande situada na zona rural, durante o ano de 2017.

III – CONHECENDO A IMPORTÂNCIA DO MEIO RURAL NA FORMAÇÃO DO BRASIL: A PARTIR DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Neste tópico faremos uma breve reflexão a respeito da relação do rural com a formação contemporânea do Brasil, historicamente, socialmente, culturalmente e economicamente. Nossas considerações se dão a partir de nossa leitura do livro “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda, mas precisamente do terceiro capítulo intitulado de “Herança Rural”. O texto de Holanda é muito claro no que se refere a grande importância do meio rural durante na história do nosso país, ele inicia esclarecendo que “toda estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos” (HOLANDA, 1995, p. 73), isto é, todo o fundamento que sustentou a colônia não advinha dos espaços urbanos, mas sim do meio rural. É exatamente sobre esse fator, que iremos nos basear ao longo de nossa síntese reflexiva, considerando que a civilização que os portugueses impuseram ao Brasil, foi indiscutivelmente de raiz rural.

Destacamos alguns acontecimentos que se deram historicamente e que comprovam que nossas bases históricas são rurais, como o sistema monárquico existente no Brasil, por exemplo, que era formado por fazendeiros possuidores de escravos, e por seus filhos que desenvolviam profissões de caráter liberal, e que se instituíam na política, dominando sempre. É importante considerar que durante a colonização, especialmente quando o processo de exploração e habitação já estava bem avançado, em meados do século 19, o momento era de turbulência na economia, que copiando o regime da colônia (Portugal), tinha caráter desorganizado. Em 1851 funda-se o Banco do Brasil, em 1852 se inaugura a primeira linha telegrafa da cidade do Rio de Janeiro. Em 1853 abre-e o Banco Rural e Hipotecário. E em 1854 é liberada ao tráfego a primeira linha de estradas de ferro do país, concomitante a isso também ocorreu a supressão do tráfico negreiro. A grande vontade de enriquecimento por parte das famílias era visível, mediante os créditos livres ofertados pelos bancos, que eram comandados pelos britânicos europeus (HOLANDA, 1995). Sobre isto, evocando um depoimento citado por Nabuco, Holanda descreve,

Antes bons negros da costa da África para felicidade sua e nossa, a despeito de toda a mórbida filantropia britânica, que, esquecida de sua própria casa, deixa morrer de fome o pobre irmão branco, escravo sem senhor que dele se compadeça, e hipócrita ou estólida chora, exposta ao ridículo da verdadeira

(83) 3322.3222

filantropia, o fado do nosso escravo feliz. Antes bons negros da costa da África para cultivar os nossos campos férteis do que todas as tetéias da rua do Ouvidor, do que vestidos de um conto e quinhentos mil-réis para as nossas mulheres, do que laranjas e quatro vinténs cada uma em um país que as produz quase espontaneamente, do que milho e arroz, e quase tudo que se necessita, para o sustento da vida humana, do estrangeiro. (HOLANDA, 1995, p. 77-78).

Esta citação explicita a dicotomia existente entre as formas de funcionamentos sociais primárias do Brasil, de características rurais muito fortes e marcantes. Muitos conflitos se sucediam e, um deles talvez o que generalize a todos, pode ser sintetizado numa pergunta. Como alcançar mudanças de fato profundas em um país que se muni com novos instrumentos e órgãos que caracterizam um modelo de sociedade diferente, se suas bases ainda estão vivas e presentes, isto é, seus fundamentos tradicionais, as fazendas produtoras de riquezas por meio da exploração dos negros, a produção rural e outros? Na vida rural brasileira, base de nossa história, raiz de nosso país, a autoridade nas decisões era inquestionavelmente dos proprietários de terras, os fazendeiros. Nada poderia contrariá-los. O engenho era de fato um organismo social, nele havia escola, onde os padres ensinavam, havia também hospedagens para os visitantes, produção e distribuição de alimentos, serrarias para fabricação de móveis e outros objetos. Enfim, era um reduto que comportava cada personagem em seu lugar de trabalho, e no caso dos fazendeiros, de tomada de decisões (referentes ao engenho, mas também aos fatos que se davam na cidade). A família do senhor de engenho era tida como um órgão social portador de poder, possuidora de autoridade para participar das decisões da sociedade, além disso, outro fator que merece ser frisado era a forte presença da religiosidade cristão-católica, que estava entranhada no cotidiano familiar e social. Sobre essa relação que havia entre os fazendeiros e a tomada de decisões na sociedade, destacamos a seguinte afirmação de Holanda (1995, p. 82), “a entidade privada precede sempre, neles, entidade pública”. Notamos com clareza que o público estava sob a tutela do privado.

IV – RECONHECENDO O RURAL COMO LUGAR DIVERSO E EDUCATIVO: SOBRE UMA EDUCAÇÃO RURAL E POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Considerando as reflexões que fizemos no tópico anterior, bem como a importância de se reconhecer que há uma diferença entre o rural e o urbano, para podermos compreender essas duas realidades e os movimentos diferentes que sobre e a partir delas existem, é que vamos discorrer nesse segundo tópico sobre a perspectiva de contínuo, que existe entre esses dois lugares, partindo desse olhar compreendemos que não há uma supervalorização ou discriminação com nenhum dos dois, mas sim o entendimento de que ambos são

importantíssimos e que estão interligados, de modo que um dá continuidade ao outro em um ciclo que está em movimento constante, muito embora haja um preconceito recheado por negatividade no imaginário popular a respeito do meio rural. Nesse sentido, destacamos a afirmação de Mendras (1969, p. 35) quando afirma que, “a oposição entre cidade campo é uma face da realidade, pois em outros aspectos a população de ambos faz parte de uma única sociedade”. A partir de agora teceremos nossas considerações mais especificamente para o meio rural, enfatizando sua diversidade e seu potencial educativo.

De acordo com Fernandes (2004, p. 137),

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. Por isso tudo, o campo é lugar de vida, e, sobretudo, de educação.

Considerando a citação supracitada, compreendemos que o campo é um lugar vivaz, que possui suas riquezas próprias, específicas e que, além disso, é um lugar educativo. Temos por importante esse reconhecimento e valorização do campo, bem como dos povos camponeses, que possuem suas identidades pessoais e camponesas, e precisam ser vistas e ouvidas. Outro fator importante é o reconhecimento das diversas realidades do campo e o ato de se considerar essa diversidade no cotidiano escolar dos sujeitos do campo, isto é, entrelaçar o modo de vida dessas pessoas, e o lugar onde elas vivem aos processos pedagógicos, para que por meio dessa contextualização haja uma significação no processo educativo dessas pessoas. Esse movimento dialético que é o ato educativo em si, onde o ensinar e o aprender estão diretamente ligados. Sobre isto, Arroyo, Caldart & Molina (2011, p.14) apontam,

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo.

Por muito tempo se falou em uma Educação Rural, muito embora agora o que impera nas reflexões e nos debates acadêmicos a respeito da educação voltada para o meio rural é o estudo da Educação do Campo. É importante ressaltarmos que a Educação Rural tem e teve grande importância no processo de alfabetização e mais amplamente no processo de formação educativa dos povos do campo, no entanto, era uma educação que apesar de ser direcionada aos povos do campo, não possuía um viés político no que diz respeito ao envolvimento com os sujeitos camponeses pela defesa de sua identidade de maneira mais organizada. Já a Educação do Campo possui experiências nos processos educativos presentes nas diversas

realidades de educação existentes no próprio campo. Essas experiências abrangem uma variedade de olhares sobre o mundo, a partir das próprias vivências dos sujeitos do campo. A Educação do campo possui muita força no que se refere ao fortalecimento da luta pela busca de uma educação com qualidade para as pessoas que moram nos espaços rurais, existe um entrelaçar dessa educação com os movimentos sociais do campo. Um exemplo disto é a visibilidade bem maior que a mesma alcançou no cenário educacional e político do nosso país, como afirma Caldart (2012, p. 257-258) “a Educação do Campo é fruto de um processo histórico, ‘nascendo’, inicialmente, como Educação básica do campo”, o que posteriormente veio a tornar-se o que apresentamos aqui como a Educação do Campo. Queremos destacar também, que esta é uma educação que respeita a diversidade do povo camponês, tem o respeito como um dos seus princípios centrais, e de maneira contextualizada se faz. Sobre isto Caldart nos aponta que a Educação do campo tem “como grande finalidade da ação educativa ajudar no desenvolvimento mais pleno do ser humano. [...] não há como verdadeiramente educar os sujeitos do campo sem transformar as circunstâncias sociais” (CALDART, 2002, p. 22).

Por fim, gostaríamos de frisar que o conceito de Educação do Campo está em constante movimento, devido o mesmo está diretamente atrelado com a materialidade camponesa, com os fatos, as pessoas do campo, bem como com os movimentos sociais, que lutam pelo reconhecimento, valorização e por direitos dos sujeitos do campo. Segundo Caldart (2008, p. 69-70), Educação do Campo é “um conceito em movimento como todos os conceitos, mas ainda mais porque busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica, por sua vez, a discussão conceitual também participa deste movimento da realidade”, nesse sentido destacamos ainda a definição que Leal (2012) utiliza quando se refere a Educação do campo, ela afirma que se trata de um *conceito-movimento*. Essa perspectiva nos possibilita compreender que, o tempo todo surge novos acontecimentos, nascem novas mudanças e movimentos nas diversas realidades rurais. Simultâneo a isso aparecem novas demandas também para serem pensadas, abarcadas e vivenciadas no processo educativo compreendido pelo projeto de Educação do Campo. Nesse sentido, gostaríamos de finalizar esse tópico, deixando claro que o meio rural, o campo, é um lugar de vida, se valor e de muito aprendizado, de modo que o cultural, o social e o político não podem se apartar do educacional. No próximo tópico, relataremos nossa primeira experiência prática com a Educação do Campo.

V – O RELATO: NOSSA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Após discorrermos sobre alguns pontos referentes a forte presença do meio rural durante a formação do Brasil, e de refletirmos acerca dos espaços rurais como sendo ambientes distintos e educativos, iremos relatar como se deu nossa primeira experiência com a Educação do Campo. Antes de mais nada temos por importante expor que durante a licenciatura em Pedagogia, tivemos a oportunidade de aprofundar nossos estudos sobre educação em contextos plurais, e um deles foi o contexto do campo, que nos debruçamos nas leituras e discussões em sala. Logo que nos chegou as primeiras informações sobre a Educação do Campo, especialmente, sobre o processo de luta e embates que lhe originou e ao mesmo tempo que lhe compõe, sobre a preocupação que essa categoria possui em reconhecer as peculiaridades, a diversidade e as potencialidades do meio rural, além de seu cuidado e elo pelos sujeitos do campo, sempre os considerando partes essenciais no processo educativo, nasceu em nós um apreço e uma paixão por esse projeto/categoria de educação que a cada dia aumenta, pois luta por um povo, por seus direitos e por seu lugar

Queremos também expressar que os nossos primeiros contatos pessoais com o campo, não foram de experiências contínuas, no entanto, sempre foram momentos divertidos e felizes, quando criança, em nossas longas e intensas férias escolares, sempre passávamos praticamente todo aquele período no sítio de uma tia, ali, junto com primos e outros colegas que moravam lá, sobíamos e descíamos serrotes, brincávamos no rio, tirávamos água do poço, apanhávamos Algarobas para brincar de fazendinha na areia de um riacho seco, no início da manhã soltávamos as cabras no pasto para no final da tarde recolhe-las, e até brincávamos de matar lagartixas usando nossas baleeiras. As lembranças desagradáveis que tempos se referem ao clima muito quente, e a falta de chuvas, e conseqüentemente a escassez de água que havia, mas éramos crianças, não sabíamos a dimensão desse problema de fato, apenas notávamos esse aspecto negativo. Trouxemos essa breve descrição de nossas primeiras relações pessoais com o campo, pelo fato de acreditarmos que um dos aspectos mais belos e importantes que compõe a Educação do Campo, é a apreciação e valorização do campo e das coisas do campo, e como bem apresentamos, realmente o campo é sim um lugar de diversidade, belezas e muita vida.

Quando concluímos o curso de licenciatura em Pedagogia, tivemos o privilégio de poder trabalhar em uma escola municipal, de nível básico (pré-escola aos anos iniciais do ensino fundamental), e foi lá que tivemos nossas primeiras experiências com práticas que

(83) 5522-3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

coadunam com as características postas pelo projeto proposto no conceito de Educação do Campo. Logo que começamos a ministrar as aulas, notamos que havia algumas especificidades no modo de ser das crianças, que se faziam existentes por conta de suas condições de moradoras daquela comunidade onde a escola estava inserida, uma região considerada rural, mas que pertence a um dos distritos que fazem parte da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Percebemos que algumas crianças conversavam sobre algum evento que havia acontecido no sítio onde morava, como, por exemplo, um procedimento veterinário que algum boi ou cavalo precisou passar, ou até mesmo comentavam sobre algum animal que havia fugido. Outro fato que identificamos foi durante as brincadeiras, eles gostavam de brincar de fazendeiros, pegavam muitas vezes os lápis de colorir e faziam de conta que era cavalinhos ou vaquinhas. Vez por outra, durante a aula, alguma criança comentava ou nos perguntava sobre algum tipo de atividade que era própria do meio rural, por exemplo, uma menina do 4º ano perguntou-nos se nós sabíamos o que era “cavaleirão”, pois sua mãe costumava usar esse termo em casa, mas ela não sabia ainda do que se tratava. Nós falamos que infelizmente, naquele momento também não sabíamos do que se tratava, mas que iríamos pesquisar para depois explicar, porém, naquele momento um garoto que também estava na aula levantou a mão e se dispôs a explicar o que era o tal “cavaleirão”, ele afirmou ser o ato de preparar a terra para o plantio com o uso manual de uma enxada. Por fim, indicamos ainda que outro momento em que era notória a presença de marcas do meio rural, da comunidade, na qual aquelas crianças estão inseridas, era nos registros das atividades de desenhos livres. Muitos desenhos traziam representações de galinhas, árvores, porcos, vacas e outros personagens que na maioria dos casos, vivem no campo.

Ao observarmos essas peculiaridades que surgiram na sala de aula, logo nos lembramos do que estudamos durante a área de aprofundamento em Educação do Campo, que o processo educativo e a realidade de alguma maneira precisam interagir, e com isso passamos a preparar atividades, contação de histórias e sugerir brincadeiras que tivessem uma maior relação com o campo e com as coisas do campo (REIS, 2011). Muitas vezes criamos historinhas que eram contadas geralmente no início da aula, e que tinham como personagens e cenários principais os animais, plantas, atividades e costumes que fazem parte do cotidiano rural daquela comunidade. Quando elaborávamos as atividades, sobre tudo as de matemática, buscávamos construir questões e problemas nos quais pudessem ser inseridos também animais e elementos do campo. Brincávamos de amarelinha na areia de um espaço que fica na área de trás da escola, apreciávamos plantas e outros elementos da natureza que

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

encontrávamos no derredor da escola, enfim, alinhamos nossa prática com aquilo que havíamos entendido ser uma concepção de educação que valorizasse o campo, os sujeitos do campo e os inserisse no processo educativo de alguma forma. Os resultados que chegamos foram bons, as crianças notavam que havia um empenho de nossa parte em trazer para a sala as questões do campo, sem partir de um olhar preconceituoso discriminante e negativo, mas pelo contrário, buscando a valorização dessas questões. O interesse, envolvimento e participação das crianças a partir dessas nossas adaptações aumentaram significativamente, elas estudavam, aprendiam e vivenciavam práticas escolares que possuíam significado para elas, pois considerava o lugar delas.

VI – CONCLUSÃO

Concluimos esse conjunto de reflexões e nosso relato de experiências, com o desejo de poder ter contribuído de alguma maneira para a valorização do campo, da Educação do Campo e dos sujeitos que habitam no meio rural. Nosso intuito é o de fortalecer cada vez mais os estudos que discorrem sobre a importância de um modelo educacional que se efetive no campo, o reconhecendo e o valorizando enquanto lugar educativo, diverso, distinto, vivo, portador de uma variedade imensa de culturas, de modos de vida, e que com as suas diversas formas de trabalho e produção cotidianas, vem sustentando e ao mesmo tempo participando de um ciclo contínuo com os meios urbanos, desde os primórdios do nosso país. Com essas palavras concluimos esse breve estudo, que de maneira dialógica com as ideias e afirmações teóricas dos autores destacados, almeja contribuir para a conscientização de professores, alunos de licenciaturas, sujeitos do campo e da sociedade como um todo, de que o campo precisa e merece ser conhecido e reconhecido melhor.

VII - REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagma (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 14.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: **Educação do Campo: campo - políticas públicas - educação** / (org.) Clarice Aparecida dos Santos. Brasília: Inkra, MDA, 2008.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIO, Paulo Ricardo e CALDART, Roseli Salete Caldart (orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.º 4.

FERNANDES, B.M. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 133-145.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida. **Na mão e na contramão da política: a realização da política nacional de educação do campo em municípios do Cariri Paraibano**. Campina Grande, 2012. 208f. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande.

MENDRAS, Henri. A Cidade e o Campo. In: QUEIROZ, Maria Izaura.P(org.) **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

REIS, E. S. **Educação do campo: escola, currículo e contexto**. Juazeiro – Bahia: ADAC/UNEB-DCH-III/NEPECSAB, 2011.